

O MUNDO BEM GANHO, BEM PERDIDO, BEM GANHO...

(Comentários aos comentários de Julio Cabrera)

Hilan Bensusan

Universidade de Brasília
hilanb@unb.br

Assim como quando conversei com Julio, em um restaurante, vou começar fazendo uma coisa que pode provocar uma de suas compulsões metafilosóficas (ou talvez perifilosóficas): vou iniciar com uma citação. Bandom, o inferencialista que eu tinha em mente em meu texto, comenta em uma nota que, apesar de tender a apresentar as opções,

[...] em termos de uma vigorosa oposição entre duas ordens de explicação complementares – a representacionalista e a inferencialista –, essas alternativas não são exaustivas. Outras possibilidades incluem o tratamento da representação e da inferência como se não houvesse primazia explicativa de uma sobre a outra. Poder-se-ia então explicar as duas através de uma terceira noção, que seria tratada como mais fundamental. Ou poder-se-ia evitar completamente explicações redutivas em semântica e contentar-se com a descrição de relações entre uma família de conceitos que mutuamente se pressupõem – uma família que inclui representação, inferência, asserção, referência e assim por diante. (BRANDOM, 1994, p. 669, n. 90; tradução minha)

Brandom se interessa por determinar em que medida uma agenda inferencialista poderia ser levada a cabo, uma agenda em que referência e conteúdo representacional pudessem ser entendidos em termos de inferência. As vantagens de perseguir uma agenda

assim incluem pelo menos a tentativa de expandir nossos horizontes filosóficos; mesmo que depois fiquemos persuadidos de que explicações redutivas são pouco recomendáveis ou que faríamos melhor se não colocássemos todas as nossas fichas no nosso entendimento a olho nu, nem de inferência, nem de representação. Digo isto porque penso que Julio se sente mais confortável sem qualquer compromisso com nenhuma das duas ordens de explicação. E não faço a citação para enquadrá-lo em uma posição que alguém já pensou (nem para apresentá-lo como a nota de rodapé de uma nota de rodapé). Penso que ganhamos se conseguirmos ver nossas idéias de muitas perspectivas. A perspectiva do debate contemporâneo sancionado pela literatura canônica é apenas uma delas. Nesse caso me parece uma boa lupa porque ela nos faz ver algumas conseqüências da nossa escolha entre uma semântica que esteja centrada na representação do mundo e uma outra que se centre em como as frases dão origens a idéias (e outras frases). Inferências podem nos dar a impressão de estarmos sem um gancho entre nossas frases e o seu conteúdo no mundo, como o estóico de Hegel (1807, §200), que se entedia pela falta de conteúdo de seus julgamentos. Dizer que o que dizemos representa o mundo, no entanto, pode nos fazer sentir que o mundo está à nossa disposição e que o alcançamos.

De fato entendi o projeto das inferências lexicais como sendo sempre próximo da tentativa de mostrar que há mais capacidade inferencial escondida em nosso léxico do que imagina quem pensa que inferência é o que encontramos se garimpamos apenas certas palavrinhas. Tentei mostrar um pouco porque penso que qualquer separação entre termos lógicos e termos empíricos parece problemática. Julio fala de empírico e lógico “em princípio” e “de fato”. Não sei se aqui entendo “em princípio” e “de fato”. Talvez alguns termos sejam tratados como sendo empíricos, mas em princípio sejam lógicos; acho que então eles são lógicos. Talvez os termos sejam lógicos ou empíricos, dependendo da análise que queremos fazer deles. Bem, no primeiro caso, ainda poderíamos

dizer que os termos são todos lógicos (ou empíricos). No segundo, desistiríamos de tirar da discussão sobre a natureza dos termos do léxico algum elemento para uma tese mais geral acerca do que seja o entendimento de uma linguagem. Teríamos de procurar algum entendimento sobre o entendimento em outra parte (ou desistir também dele). Acho que podemos tomar uma variedade de caminhos a partir da inquietação acerca de como conceitos adquirem seu conteúdo – e talvez queiramos simplesmente insistir em uma conexão íntima entre nossos conceitos e nossas práticas. Penso que termos lógicos podem ser tratados como empíricos e vice-versa; meu problema é com a diferença: quando alguém tenta dizer que alguns termos são mais empíricos que outros (ou mais lógicos que outros). Não sei se sempre que fazemos uma semântica com espaço para a representação, em que conceitos precisem de intuição para que não sejam vazios, precisamos de um compromisso com um dualismo assim. McDowell, de alguma maneira, tenta evitar algumas conseqüências espinhosas da diferença entre termos que expressam significado e termos que representam. Penso que ele precisa ainda, para dar corpo à concepção de Evans acerca da necessidade do mundo para que possa haver pensamento, de uma versão da distinção entre crenças e significados (BENSUSAN, 2003). Não vou dizer muito mais sobre isto aqui: apenas que aprecio o esforço de tentar tornar o mundo transparente perante nossa prática de oferecer e demandar por razões.

Isto me leva ao dualismo inferência-mundo que Julio diagnostica. De fato, Hegel nos convida a pensar o mundo de uma forma que não entenda o nosso pensamento como um instrumento, e, se aceitamos esse convite, nosso pensamento já está conectado ao mundo a partir do momento que começamos a pensar (e a inferir) simplesmente por que estamos pensando. Acho que a “cola” entre pensamento e mundo pode ser feita se aceitarmos o convite de Hegel. Quero aceitá-lo, mas ainda me preocupa se posso me sentir confortável fazendo-o. Sinto-me tentado a apresentar a tarefa assim: trata-se de encontrar um modo de pensar que não necessite

de fazer sentido da idéia de representação para que ganhemos o mundo. Esse também é o meu diagnóstico: somos fáceis presas da idéia de que, sem representação, perdemos o mundo. Penso que essa idéia tem uma origem profunda na nossa maneira de pensar e que se expressa também quando Julio diz que

o único que “salva” do idealismo é a compreensão do mundo não apenas como objeto de conhecimento, mas como objeto de ser, de existir [...]. Ficando apenas no âmbito da representação, o idealismo parece inevitável. O mundo na sua concretude pode ser não algo que nós representamos, mas algo que nos desrepresenta, algo que tem efeito sobre nós, não algo que devemos “atingir” através de nossos esforços cognitivos. (p. 302-303)

Meu diagnóstico é que, se queremos aceitar o convite de Hegel – que Julio parece também estar inclinado a aceitar – temos de reconhecer que não há um mundo que interage conosco a partir de um lugar externo ao alcance de nossos pensamentos e dos conteúdos de nossa vida mental. Não há uma natureza que esteja, como diria McDowell, fora do espaço lógico das razões. Não se trata de dizer que o mundo seja, de alguma forma, produzido por nossos pensamentos, mas apenas de insistir que ele é transparente: que ele é feito do mesmo que é feito o conteúdo de nossos pensamentos. Estou convencido de que, se conseguirmos levar em conta as conseqüências dessa idéia, conseguiremos nos livrar de qualquer resquício de anseio por alguma forma de representação. Penso que é precisamente a idéia contrastante de que o mundo está para além da nossa capacidade conceptual que dá forma à insistência, por parte de Davidson e de Rorty por exemplo, em uma noção de experiência que a entende primariamente como uma interação causal (e não conceptual) com o mundo. Com o mundo, enfatiza essa idéia contrastante, temos relações extraconceptuais (causais, desrepresentacionais, ou qualquer que seja), e por serem nossos conceitos sempre de escopo limitado, estamos confinados: o mundo, para nossos

conceitos e nossas inferências, fica bem perdido. Ou seja, penso que depende muito de aceitarmos que o mundo é completamente acessível ao nosso esforço conceptual (e inferencial). A tentação freqüente é de aceitar uma versão da tese de que nós interagimos com o mundo de maneiras não-conceptuais. Se também estamos dispostos a aceitar que essas interações não podem por si mesmas afetar como pensamos e como inferimos, perdemos o mundo. A tentação, eu acho, tem uma origem nos nossos hábitos kantianos de pensar nos limites da nossa experiência e, no fundo, no nosso hábito de pensar em conceitos de uma forma kantiana. Se resistirmos a essa tentação – e não estou aqui sugerindo que é fácil fazê-lo, pois entendo que muitas de nossas ansiedades filosóficas podem ficar a descoberto se resistirmos à tentação –, começamos a ver como podemos ganhar o mundo. Mas parece compreensível que oscilemos. Penso que o inferencialismo de Brandom tenta não perder o mundo porque entende as relações de confiabilidade com o mundo para além de nossos conceitos como sendo também inferenciais. Não estou seguro se uma estratégia assim funciona. Penso que podemos chegar muito longe apenas aceitando a transparência do mundo.

Referências

BENSUSAN, H. Justifications, exculpations, causes: epistemology and our image of nature. In: INTERNATIONAL WITTGENSTEIN SYMPOSIUM, 26. *Proceedings...* Kirchberg: International Ludwig Wittgenstein Society, Austria, p. 30-32, 2003.

BRANDOM, R. *Making it explicit*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1984.

HEGEL, G. W. F. *Phenomenology of spirit*. Oxford: Oxford University Press, 1977. [Tradução de *Phänemonologie des Geistes* by A.V. Miller, 1807].